



GLOBALIZAÇÃO, ASSÉDIO MORAL E PERVERSIDADE NO COTIDIANO

* Ana Paula Bigheti dos Santos

*Juliana de Rezende Penhaki

** Lydia Akemy Onesti

RESUMO

O foco principal deste artigo é refletir e destacar a importância da existência do assédio moral nas organizações, considerando que a globalização, avanço tecnológico, automação de processos e métodos de trabalho, vêm confirmando o fim das dependências das empresas em relação às pessoas, o que gera o desemprego em massa e a sujeição da classe trabalhadora à condição de ser assediada. O trabalho pretende ainda apresentar as consequências psicológicas decorrentes da perversidade imposta, com vistas ao esclarecimento e compreensão da classe trabalhadora sobre as formas de lidar com o assédio moral.

PALAVRAS-CHAVE: Assédio Moral; Globalização; Classe Operária; Consequências Psicológicas; Desemprego.

ABSTRACT

The main focus of this article is to reflect and detach the existence of moral harassment in organizations, considering that globalization, technological growth, automation processes and working methods have been confirming the end of the relationship between employees and employers, which establish the condition of mass unemployment and the possibility of the working class to be harassed. Another focus present is the demonstration of the psychological consequences steamed from the imposed perversity, aiming at the clarification and understanding of the different ways in dealing with moral harassment.

KEY-WORDS: Moral Harassment; Globalization; Working Class; Psychological Consequences; Unemployment.

* Psicóloga graduada pela Unifil.

** Docente da UniFil.

Mestre em Psicologia.

E-mail: lydiake@sercomtel.com.br

A globalização, processo social que atua no sentido de uma mudança na estrutura política e econômica das sociedades, ocorre com avanços e retrocessos separados por intervalos que podem durar séculos. Na economia, significa integrar os mercados em nível mundial no sentido de que um produto, independentemente de sua origem ou procedência, possa ser oferecido para consumo em qualquer parte do globo terrestre. Do ponto de vista social, apresenta sinais de ser cada vez menos inclusiva, homogeneizadora ou convergente, aumentando a polarização entre países e classes quanto à distribuição de riqueza, renda e emprego (<http://globalizz.cjb.net>).

Assim, o advento da globalização, associado ao capitalismo flexível, vem permitindo que as empresas desloquem as suas unidades produtivas para os países menos desenvolvidos. A globalização e a flexibilidade do capital só trazem vantagem para aqueles que estão em uma posição favorável (SENNET, 2000).

A globalidade segue fatos objetivos e universais, expressando uma crescente interdependência das economias nacionais e a emergência de um sistema transacional bancário-produtivo-comunicativo, que é dominante, e cuja ascensão coincide com um enfraquecimento real da soberania dos estados-nações e das correntes nacionalistas, anti-imperialistas, marxista-leninistas, estas últimas em estado de confusão ou de reversão nos poucos países ou organizações que dizem segui-la. Pode aqui ser considerada a “Metamorfose da questão social”, exposta por CASTEL (1995), como “desafio que interroga, põe em questão a capacidade de uma sociedade para existir como um conjunto ligado por relações de interdependência.”

Sendo assim, este discurso não obedece somente a uma realidade epistêmica legítima; é usado também para uma “reconversão da dependência”. Com frequência, serve para ocultar ou ocultar-se dos efeitos da política liberal neo-conservadora nos países do Terceiro Mundo e os problemas sociais cada vez maiores em toda a humanidade.

“O pressuposto do liberalismo, ou neoliberalismo, hegemônico em nossos dias, tanto no plano econômico como no filosófico e social, é de que o progresso e o desenvolvimento só são possíveis através da competitividade. É o confronto, o choque entre interesses diferentes ou contrários, que vai fazer com que as pessoas lutem, trabalhem, se esforcem para conseguir melhorar seu bem-estar, sua qualidade de vida, sua ascensão econômica”(GUARESCHI, 1999), no aspecto coletivo, mas sob a perspectiva do processo de modernização de um individualismo exacerbado. Sobre isso, WEBER e SIMMEL, *apud* GENTIL (1996), apontam como partes integrantes também a racionalização e a urbanização.

É evidente que a ideologia da modernidade é valorizar sempre o novo, quebrando as tradições vigentes. Assim, o fenômeno do desemprego, que está atrelado a um projeto de sociedade moderna e neo-liberal, é “aceito” como um evento natural.

CASTEL (1994), ao avaliar a dinâmica social do capitalismo informacional, conclui com a síntese: No que diz respeito às relações de distribuição/consumo, ou à apropriação diferenciada da riqueza, encontramos processos de desigualdade, polarização entre ricos e pobres, pobreza e miséria. Por outro lado, diante das relações de produção, encontramos processos de individualização do trabalho, superexploração dos trabalhadores, exclusão social e integração perversa, isto é, o processo de trabalho na economia criminosa com atividades de geração de renda que são declaradas por lei como sendo criminosas, tais como o tráfico de drogas, as compras de armamentos, etc. GUARESCHI (1999) questiona: o que dizer sobre isso tudo? Recebe como resposta uma multidão de seres humanos empobrecidos e descartáveis.

Recorre-se novamente a SENNET (2000) para se constatar que os efeitos nocivos da globalização da produção proporcionada pelo capitalismo flexível e a possibilidade de dominação e exploração dos países mais necessitados sequer questionam os custos ambientais. Além disso, tal condição promove um índice crescente de desemprego e as conseqüências para a classe trabalhadora anunciam algo a que não mais terão acesso: emprego com carteira assinada.

Segundo KREIN (1998), o tema desemprego é polêmico, pois é só o avanço tecnológico que substitui o trabalho humano pela máquina. “O desemprego não pode ser explicado somente pelas novas tecnologias, pois uma sociedade em mudança (novas tecnologias e reestruturação produtiva) exige trabalhadores com um maior nível de escolaridade, mas o emprego para toda a sociedade não depende do nível de estudo; uma parte do desemprego é causada pela facilidade, dada pelas políticas de governo, em comprar produtos de outros países. No Brasil, boa parte do desemprego está sendo causada pela nossa política econômica do governo” (KREIN, 1998). Se levados em consideração os apontamentos feitos por esse autor, vê-se uma provável exclusão social e o porquê de uma pessoa fora do mercado de trabalho dificilmente conseguir uma recolocação no mesmo, de forma satisfatória. Acredita-se que, se houvesse a intervenção do Estado, de forma a propiciar uma melhor distribuição de rendas, ao contrário do que ocorre, que é o preocupar-se com o capital fornecido por empresas privadas e centralizadoras de poder, poder-se-ia ter melhor qualidade nas condições de trabalho e um baixo nível de desemprego.

Com a revolução das comunicações, o processo de globalização tornou-se mais rápido, além de ter se tornado mais abrangente, envolvendo não só o comércio e capitais, mas também telecomunicações, finanças e serviços, antes cobertos por várias formas de proteção. Conseqüentemente, a sociedade vem sofrendo uma deriva feita de exclusões, desigualdades e injustiças, que sustenta, por sua vez, um clima repleto de agressividades, no âmbito social como também no mundo do trabalho. No ambiente de trabalho, em decorrência da modernização e automação de processos, as pessoas criam um clima de competição como forma de garantia de emprego, o que as torna agressivas e insensíveis umas com as outras, exigindo a exclusão de alguns e privilegiando outros, para que se estabeleçam parâmetros de oposição que vão forçar as pessoas, na competição, a ter de lutar para não serem rejeitadas e excluídas, propiciando, entre outras situações, o aparecimento do assédio moral e outros conflitos.

Vale ressaltar algumas variáveis decorrentes do processo de globalização que predisõem o aparecimento do Assédio Moral: rompimento dos laços afetivos e individualismo; práticas agressivas nas relações de trabalho; comprometimento da saúde, identidade e dignidade; sentimento de inutilidade e descontentamento no trabalho; aumento do absenteísmo e diminuição da produtividade; demissão forçada e desemprego. “É angustiante saber que, para a economia do mercado, as desigualdades e a concorrência são necessárias para facilitar a exclusão, descartando os trabalhadores considerados ‘inadequados’, delegando-lhes culpa pela falta de empregabilidade desejada em meio a um mercado altamente competitivo. Assim, sob o princípio da eficiência e da racionalidade, promovem-se a desqualificação, a marginalização e a degradação social de uma grande parcela da população ativa, elevando-se ainda mais as estatísticas sobre a pobreza e os excluídos socialmente” (ONESTI, 2002).

O emprego é, sem dúvida, o que dá sentido à vida do trabalhador; é o alicerce que lhe dá condições de edificar sonhos, planejar seus projetos, valorizar-se e construir o seu eu. O trabalho, como se verificou ao longo de sua história, é mais do que o não-trabalho e, portanto, o não-trabalho é mais do que o desemprego, o que não quer dizer pouco. CASTEL *apud* MARCHI(1999) traz a denúncia de Hannah Arendt em relação ao elevado reaparecimento de um perfil de “trabalhadores sem trabalho” na sociedade, ou seja, os inúteis para o mundo.



Esse temor impele as pessoas a se submeterem aos ditames do imperialismo empresarial, condição essa que favorece o surgimento do assédio moral no trabalho.

O assédio moral está presente em diversas situações do cotidiano, em casa, na escola e nas organizações, desde os primórdios da humanidade. O problema é quase desconhecido e de difícil diagnóstico, mas, ainda assim, se não enfrentado, pode levar à debilidade da saúde de milhares de trabalhadores, prejudicando seu rendimento.

A psicóloga francesa Marie-France Hirigoyen, autora de um estudo sobre o assunto, acredita que a punição ao assédio moral ajudaria a combater o problema, pois “imporia um limite ao indivíduo perverso.” Da mesma forma, a Dra. Margarida Barreto, autora de tese em Psicologia Social pela PUC - SP, constatou que a ação do chefe que humilha seus subordinados é mais prejudicial à saúde do que se imagina, pois a exposição do trabalhador a freqüentes situações de humilhação pode causar-lhe doenças acentuadas, culminando inclusive com tentativas ou pensamentos suicidas como manifestações explosivas das emoções arquivadas, já que o assédio moral fere a dignidade e é percebido pelos que sofrem como fracasso e incapacidade (<http://www.assediomoral.org/legisla/br>).

Segundo Marie-France Hirigoyen e Margarida Barreto, precursora da discussão no Brasil, assédio moral no trabalho consiste em “qualquer conduta abusiva (gesto, palavra, comportamento, atitude) que atende, por sua repetição ou sistematização, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho” (HIRIGOYEN, 2002, p.17).* A principal característica do assédio moral é seu aparecimento de forma a expor os trabalhadores a situações constrangedoras e humilhantes, repetitivas, intencionais e prolongadas durante o período de trabalho. A sua identificação é difícil, pois metodologicamente é preciso fazer um acompanhamento e observações sistemáticas por um determinado período de tempo. Porém, deve-se considerar que, em determinadas situações onde o chefe constrange o subordinado esporadicamente ou, após a atuação, reconhece seu erro, aquele ato não é aceito como assédio moral.

Considerando todo o processo de humilhação repetitiva e de longa duração pelo qual a vítima é submetida é possível observar um comprometimento de sua identidade, dignidade e relações afetivas e sociais, o que traz graves danos à sua

saúde física e mental, podendo evoluir para a incapacidade laborativa e o desemprego.

Toda essa situação desestabiliza a relação da vítima com o ambiente de trabalho, o que proporciona os seguintes sintomas:

| Sintomas | Mulheres | Homens |
|---------------------------------|----------|--------|
| Crises de choro | 100 | - |
| Dores generalizadas | 80 | |
| Palpitações, tremores | 80 | 40 |
| Sentimento de inutilidade | 72 | 40 |
| Insônia ou sonolência excessiva | 69,6 | 63,6 |
| Depressão | 60 | 70 |
| Diminuição da libido | 60 | 15 |
| Sede de vingança | 50 | 100 |
| Aumento da pressão arterial | 40 | 51,6 |
| Dor de cabeça | 40 | 33,2 |
| Distúrbios digestivos | 40 | 15 |
| Tonturas | 22,3 | 3,2 |
| Idéia de suicídio | 16,2 | 100 |
| Falta de apetite | 13,6 | 2,1 |
| Falta de ar | 10 | 30 |
| Passa a beber | 5 | 63 |
| Tentativa de suicídio | - | 18,3 |

*Fonte: site www.assediomoral.org

Muitas vezes, a vítima sente-se desvalorizada e culpada pela situação, não considerando as atuações como assédio.

Para reconhecer quando o chefe está passando dos limites, é necessário identificar as estratégias comumente utilizadas: escolher e isolar a vítima; impedi-la de se expressar; menosprezá-la, ridicularizá-la e fragilizá-la perante os companheiros; desestabilizá-la emocional e profissionalmente; livrar-se da vítima; impor ao coletivo sua autoridade. É comum o aparecimento do assédio em relações hierárquicas autoritárias, desumanas e sem ética, o que não exclui a possibilidade, em casos isolados, do assédio aparecer entre subordinados.

As pessoas mais vulneráveis ao assédio nem sempre são frágeis, inábeis ou portadoras de alguma deficiência ou patologia; geralmente são: o trabalhador criativo; o adoecido ou acidentado no trabalho; a mulheres, especialmente as com filhos menores de 10 anos; os críticos e resistentes; e os funcionários mais velhos (BARRETO, 2001).

Não se fará aqui uma rotulação de como é o perfil do assediador; é importante ressaltar, no entanto, que o trabalhador é sujeitado por alguém que detém o poder e se satisfaz vendo o outro em situação de fragilidade, de inferioridade e culpabilidade.

Ao perceber atitudes que podem estar vinculadas ao assédio moral, o que a vítima deve fazer? Anotar com detalhes todas humilhações sofridas, com data, horário e local, setor, nome do agressor e de colegas que testemunharam, bem como o conteúdo da conversa; procurar ajuda de colegas, principalmente os que foram testemunhas ou o Departamento de Gestão de Pessoas; evitar conversas com o assediador, sem a presença de testemunhas; após reunir queixas e registros deve procurar o seu sindicato e um advogado de lei cível.

Ser otimista é acreditar na potencialidade do sujeito para lutar contra condições sociais e humanas sem desconsiderar a determinação social. A utopia e a crença no sujeito da ação e na possibilidade de uma ordem social sem exclusão não remetem a uma visão *happy end* ou ao paradigma da redenção, comum nas ciências humanas, tanto positivistas quanto críticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Margarida. Uma jornada de humilhações. *In: Jornal do Psicólogo*, julho/agosto, 2001.
- FERRAZ, Marta; GÓES, Eduardo. O império do mal. *Isto é*, n.1.554, 14 de janeiro de 1999.
- HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral – a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2000.
- HIRIGOYEN, Marie-France. **Mal-estar no trabalho – redefinindo o assédio moral**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2002.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social - uma crônica do salário**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- CASTEL, Robert. Da indigência à exclusão, à desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. *In: SANCETTI, Antônio (Org). Saude loucura 4*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MARCHI, Ângela. **O desemprego como realidade do mundo contemporâneo e seus efeitos sobre a dimensão psicológica do ser humano**. Monografia, 1999, Londrina - PR.
- Site: www.assediomoral.org/legisla/br-pesquisa realizada em agosto de 2002.
- Site: www.globalizz.cjb.net- pesquisa realizada em agosto de 2002.
- Site: www.assediomoral.org – pesquisa realizada em agosto de 2002.
- ONESTI, Lydia Akemi. **O trabalhador contemporâneo: percursos e caminhos**. Apresentado em mesa redonda no I Congresso Brasileiro de Psicologia – Ciência e Profissão. *Anais*. São Paulo – SP, 2002.
- KREIN, José Dari. **Algumas explicações sobre o desemprego**. CNM/CUT Programa Integrar. *Trabalho e tecnologia* (caderno do aluno). São Paulo: CNM/CUT, s/d. p.58-68, 1998.